



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos,
raça/etnia, sexualidades**

Sub-eixo: Feminismos e Serviço Social

PEQUENAS NOTAS DE REFLEXÕES MATERIALISTAS ENTRE O MATRIARCADO E O PATRIARCADO.

JANAICY PEREIRA DE ALMEIDA¹

RESUMO:

O artigo tem como objetivo traçar caminhos de diálogos, no escopo da teoria crítica marxista, acerca da sociedade patriarcal e a exploração/dominação das mulheres, com base na análise histórica da obra de Engels "A origem da família, da propriedade privada e do Estado". Por meio de uma revisão bibliográfica, a partir de uma análise histórica da realidade social, versa também sobre os diálogos feministas materialistas acerca do que se denominou de matriarcado.

Palavras-chave: Patriarcado; Matriarcado; Feminismo materialista.

ABSTRACT

The article aims to trace paths of dialogue, within the scope of Marxist critical theory, about patriarchal society and the exploitation/domination of women, based on the historical analysis of Engels' work "The Origin of the Family, Private Property and the State". Through a literature review, based on a historical analysis of social reality, it also deals with materialist feminist dialogues about what has been called matriarchy.

Keywords: Patriarchy; Matriarchy; Materialist feminism.

INTRODUÇÃO:

No campo do feminismo materialista compreender os processos históricos de dominação, como constituição das relações sociais, é central para quaisquer análises sobre a condição das mulheres na sociedade. Neste caminho, um tema que permeou

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

diversas reflexões feministas foi a busca de tentar entender a origem do patriarcado como sistema de dominação dos homens sobre as mulheres. Tal busca ainda ancora muitas elaborações teóricas na afirmação de um suposto matriarcado, antes do estabelecimento da sociedade patriarcal.

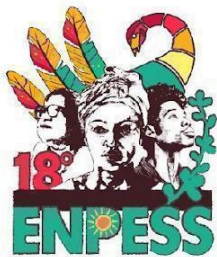
Desta forma, para dialogar sobre o debate teórico referente ao surgimento do patriarcado, assim como a discussão do processo histórico de subordinação/exploração das mulheres pelos homens, nos debruçaremos nas obras de Engels (1961), (2002) e Firestone (1976) como principais interlocutores acerca da temática.

A escolha da interlocução entre estes autores, apesar de outras feministas dialogarem sobre o tema se dá por meio de dois vieses: Primeiro pelo fato de que Engels representa diretamente a perspectiva marxista, a qual construiu em conjunto com Marx e da qual corroboramos e Firestone representa o debate de um feminismo radical que dialoga de forma crítica sobre a realidade. A autora também aponta o patamar de desenvolvimento da sociedade socialista para superação da situação de exploração e subordinação vivenciado pelas mulheres, o que nos leva a uma das bandeiras de luta do movimento feminista na atualidade que é “transformar o mundo pelo feminismo”.

O segundo viés de escolha destes autores se dá pela centralidade do debate que diz respeito à existência ou não de sociedades matriarcais, fato que tem distintas interpretações dentro dos estudos feministas. Aqui nos interessa compreender em que dimensões e tempos históricos estão situados tais autores e qual a importância de seus pensamentos para as lutas empreendidas pelo movimento feminista.

Tal texto é parte da tese de doutorado da autora em um debate mais amplo sobre o enfrentamento a precarização do trabalho das mulheres na América Latina e expressa não apenas a sistematização de uma trajetória de estudos acadêmicos sobre a temática, mas igualmente de reflexões coletivas junto a organizações políticas feministas a qual integra.

1 - “A origem” da submissão das mulheres e o debate entre matriarcado e patriarcado



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Para os estudos feministas a discussão em torno do matriarcado e do patriarcado é fundamental no diálogo sobre a situação histórica de submissão das mulheres. Este debate vem sendo posto também dentro das elaborações teóricas sobre família e parentesco, nas análises referentes a heranças, propriedade privada e predomínio da linhagem materna ou paterna.

Para as feministas marxistas – campo que nos situamos – a obra de Engels “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, escrita em 1884, foi considerada como central para conhecer o surgimento da considerada sociedade patriarcal. Vimos por meio dela os elementos históricos fundantes da constituição e articulação entre o patriarcado e a sociedade capitalista.

No entanto, muitas estudiosas feministas vêm, com base em estudos posteriores a análise antropológica pautada pelo autor, apresentado novos delineamentos sobre o tema do matriarcado e patriarcado, dos quais passamos a compactuar. Desta forma, faremos uma excursão sobre os argumentos de Engels e interporemos a ele o pensamento da feminista radical Shulamith Firestone (1976).

Outras autoras feministas como Beauvoir (1949) também discordam do pensamento de Engels. No entanto, optamos por fazer o entrelaçamento dentro do campo dos estudos críticos. Beauvoir em sua perspectiva existencialista, apesar da contribuição inegável aos estudos sobre as mulheres, discordava do próprio método materialista histórico dialético. Portanto, dialogar com Engels a partir de Beauvoir não nos situava no reconhecimento da obra de Engels com os apontamentos dos limites postos pelo tempo histórico da mesma.

Firestone (1976) ao se situar no campo do feminismo radical e da perspectiva revolucionária de transformação da sociedade e de estabelecimento do socialismo está inserida dentro do campo crítico com o qual dialogamos e do qual compartilhamos alguns delineamentos teóricos sobre a realidade. Firestone (1976) também discorda das afirmações de Beauvoir.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Não compartilhamos da crítica que Beauvoir faz a Engels ao apontar que o materialismo histórico não pode fornecer soluções para os problemas de explicar a exploração das mulheres, como se o materialismo tivesse se dedicado apenas ao *homo economicus* e não ao homem em sua totalidade (FIRESTONE, 1976, p.90).

Compartilhamos da crítica feita por Firestone (1976) e apontamos que o materialismo histórico dialético é o caminho que nos ilumina para reflexões da realidade que pautem os determinantes históricos dos processos de exploração tanto dos homens, quanto das mulheres. Apesar da situação de submissão destas últimas não ter sido o foco dos estudos de Marx, o método de análise empreendido por ele é central para a compreensão dos interesses e dimensões políticas, sociais e econômicas que sustentam a relação entre o patriarcado e o capitalismo na atualidade. Soma-se também o trabalho de outros/as autores/as feministas que seguiram ampliando o conhecimento sobre a realidade a partir do método empreendido por Marx e por Engels². Assim, corroboramos com Cisne (2020) de que

O maior legado marxista ao feminismo emancipatório, todavia, reside em seu método, na perspectiva histórica que permite desnaturalizar as relações sociais e compreender a construção do ser social, bem como entender que toda ideologia dominante possui uma base material, ou seja, resulta de relações materiais de dominação. Não tenho dúvida de que o arcabouço categorial dessa teoria é fundamental ao feminismo, como destaque para trabalho, alienação, relações sociais, revolução, emancipação política e humana, igualdade, liberdade, exploração, classe e luta de classe, consciência etc. Todas essas categorias, entretanto, só têm sentido se entendidas no movimento histórico e, portanto, enriquecidas continuamente por meio do método materialista histórico dialético, orientado pelo sentido da transformação radical e em uma perspectiva de totalidade para a superação da sociedade patriarcal-racista capitalista. (Cisne, 2020, p.50)

Assim, é por meio do método materialista histórico dialético e pela análise histórica da realidade concreta que analisamos e dialogamos com a obra de Engels. O referido

² Situamos aqui Rosa Luxemburgo (1871-1919) com textos sobre a situação da mulher proletária e os debates sobre a participação política das mulheres no Partido Comunista; Alexandra Kollontai (1872-1952) com sua obra “a nova mulher e amoral sexual” e outros textos sobre a relação entre os sexos e a luta de classes; Clara Zetkin (1857-1933), com escritos sobre a emancipação das mulheres e as lutas das mulheres trabalhadoras, etc.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

autor situa o debate sobre o patriarcado articulado ao estabelecimento da família monogâmica e da propriedade privada. De acordo com os estudos de Engels (2002), tomando como referencial os autores Morgan³ e Bachofem, a família monogâmica, baseia-se no predomínio do homem tendo como finalidade expressa a de gerar filhos cuja paternidade seja indiscutível. Tal exigência dá-se pelo fato de que os filhos, na qualidade de herdeiros diretos, entrarão um dia na posse dos bens de seu pai, preservando a riqueza acumulada por este.

Anterior a essa forma de organização, Engels aponta a partir da caracterização das formas de famílias feita por Morgan, três formações diferentes, sendo elas: a família *consangüínea*, considerada como a primeira etapa da família na qual os grupos conjugais classificam-se por gerações e sendo seus membros maridos e mulheres entre si; a família *punaluana*, na qual um ou mais grupos de irmãs convertiam-se no núcleo de uma comunidade e seus irmãos carnais, no núcleo de outra, formando as *gens*, as quais apresentavam linhagem feminina; e a família *sindiásmica*, na qual um homem vive com uma mulher, mas a poligamia e a infidelidade continuam a ser um direito dos homens e o vínculo conjugal dissolve-se com facilidade por uma ou por outra parte. Nessa forma de organização, os filhos pertencem exclusivamente à mãe e a herança se dava pela linhagem materna.

Como nas formas de Organizações familiares anteriores a família monogâmica os homens na separação ficavam com os bens que acumulavam, uma vez que não eram passados de herança aos/as filhos/as, possibilitou aos mesmos um acúmulo maior de riqueza. A partir do processo de acumulação de riquezas, a estrutura familiar passou a se organizar em um núcleo formado apenas por um homem, uma mulher e seus filhos e conseqüentemente, a propriedade e os bens que eram comuns a uma mesma tribo/aldeia passaram a constituir-se em meios privados.

Dessa forma, pois, as riquezas, à medida que iam aumentando, davam, por um lado, ao homem uma posição mais importante que a mulher na

³ Engels se baseou na obra de Morgan porque considerava que ele “foi o primeiro, que conhecimento de causa, tratou de introduzir uma ordem precisa na pré-história da humanidade, fazendo segundo ele uma análise materialista da história”. (ENGELS, 1961, p.21).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

família, e, por outro lado, faziam com que nascesse nele a ideia de valer-se desta vantagem para modificar, em proveito de seus filhos, a ordem de herança estabelecida. Mas isso não se poderia fazer enquanto permanecesse vigente a filiação segundo o direito materno (ENGELS, 1961, p.47).

Foi então seguindo esta ordem de acumulação de riquezas que, de acordo com Engels o direito materno foi sendo substituído pelo direito paterno. Tais observações se baseavam, como apontado, principalmente nos estudos de Morgan sobre tribos do Oriente, da Índia, Iroquesas, do Tibete, na Grecia, Roma e outras partes do mundo. Engels documentava que até o início da década de 1860 não se poderia pensar em uma história da família. Foi somente a partir dos estudos de Morgan e Bachofen⁴ que este feito pode ser analisado sob a dimensão histórica.

Engels, ainda seguindo o delineamento da constituição da família monogâmica aponta que nessa nova forma de organização, a conjugalidade não podia mais ser destituída por vontade de qualquer das partes e o “direito materno” foi substituído pelo direito paterno, caracterizando o que conhecemos como patriarcado.

O desmoronamento do direito materno, a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo. O homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução (ENGELS, 1961.p.48).

Este processo evidencia que há uma relação intrínseca entre o sistema patriarcal e a acumulação de riquezas por intermédio da propriedade privada. A derrota histórica das mulheres e a passagem de sua situação de grandes matriarcas para servidoras dos homens e submissas a eles na dimensão familiar e principalmente da sexualidade estaria diretamente vinculada à acumulação de riqueza. Este seria um dos pressupostos de entrelaçamentos entre a sociedade patriarcal e a capitalista.

Nesta nova forma de organização familiar – nuclear moderna – as mulheres passariam a ter restrições tanto para a dissolução do casamento quanto para autonomia

⁴ Para Engels (1961), a obra “O Direito Materno” de Bachofen em 1861 é a que inicia os estudos da história da família.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

de seus corpos, uma vez que por meio do casamento elas e seus/suas filhos/as passariam a ser propriedade dos homens, em uma relação de monogamia que os homens não partilhavam entre eles.

A monogamia nasceu da concentração de grandes riquezas nas mesmas mãos - as de um homem – e do desejo de transmitir essas riquezas, por herança, aos filhos deste homem, excluindo os filhos de qualquer outro [...]. Quando os meios de produção passarem a ser propriedade comum, a família individual deixará de ser a unidade econômica da sociedade⁵ (ENGELS, 2002, p.77).

Para Engels a monogamia está diretamente ligada à noção de propriedade privada e, portanto, a constituição da sociedade capitalista. Nesta apreensão a monogamia surge como um controle da sexualidade feminina, assim como sobre a riqueza e coloca em evidência a passagem do matriarcado para o patriarcado, como uma derrota do sexo feminino, já apontado pelo autor em citações acima.

2 - Firestone e análise histórica sobre a condição das mulheres

Aqui antes de adentrarmos ao pensamento de Firestone (1976) apontamos em concordância com a feminista marxista brasileira Zuleika Alambert (1986) de que as teses elaboradas por Engels o foram dentro de determinado contexto histórico onde os estudos antropológicos ainda eram muito restritos. Para ela “algumas de suas elaborações teóricas [referindo-se a Engels] são hoje, diante de novos conhecimentos, marcadas por contradições, omissões, lacunas e mesmo erros, a exemplo da tese do matriarcado, hoje contestada por muitos antropólogos modernos” (p.XVI).

Engels, ao aderir ao esquema do Morgan ainda não tinha, naquele momento elementos históricos suficientes que o levassem a observar as múltiplas determinações

⁵ Aqui explicitamos, em complementação e ampliação do pensamento de Engels, que a transformação das relações sociais na sociedade vão além da mudança no campo econômico, por isso, no feminismo falamos de superação do capitalismo e do patriarcado, juntamente com todos os elementos que fazem parte de suas estruturas e lhes dão sustentação.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

de constituição da família na sociedade. Desta forma, os conhecimentos de Morgan e Bachofen sobre a organização da família e do parentesco em distintas regiões foram tomadas como delineamento de uma sociedade matriarcal que não existiu em nível de universalidade em contraposição a forma como se configura o patriarcado no mundo. E esta é nossa argumentação principal.

De acordo com D'eaubonne (s/a, p. 7) “o erro de Bachofen foi ter confundido as sociedades matrilineares com o patriarcado, erro que pesa ainda consideravelmente na concepção histórica da evolução humana. Permaneceu-se amarrado a uma oposição simples e dualista: ou patriarcado ou matriarcado”. Tal concepção dual tem raízes no pensamento eurocêntrico que também definia que sociedade era considerada civilizadas e quais eram consideradas selvagens. Este dualismo também tem repercussões no movimento iluminista e na forma de organização do trabalho entre homens e mulheres em distintas sociedades.

Para D'eaubonne antes do patriarcado existiam sociedades consideradas semipatriarcais, a saber: os celtas (culto a deusas e o calendário se baseava na lua o que correspondia aos ciclos menstruais, conhecido como calendário das agricultoras); De Creta a Êfeso (preponderância feminina na ilha cretense, sacerdotisas e culto a fecundidade, indústrias de tipo feminino: cerâmicas e têxteis) e Egito (culto da Deusa-Mãe, as mulheres do Egito usavam a sua liberdade sexual como poder econômico e tinham muitas vezes a função sagrada de tudo que dizia respeito a funerais e ritos de fertilidade). Ainda de acordo com a autora

Nestes princípios de vida comum, os sexos colocam-se em pé de certa igualdade; as mulheres, embora não vivendo já em autarquia nem em matriarcado, conservam uma posição muito elevada que é devida à sua atividade procriadora e a tudo o que se liga com a valorização mítica: fizemos referência à sabedoria subterrânea, aos conhecimentos sacralizados, ao domínio da magia e da morte. Os semipatriarcados evoluirão mais ou menos depressa para o patriarcado total e para o falocratismo, em função do maior ou menor atraso posto na descoberta da contribuição do homem no processo de paternidade (D'EAUBONNE, S/A, p.73).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Para esta autora, o estabelecimento do patriarcado se fundamenta em duas descobertas essenciais: a sucessão da agricultura masculina à feminina e da descoberta do processo de fecundação atrelado à participação dos homens a ele. Aqui apontamos que mesmo discordando da existência do matriarcado como sociedade mais ampla corroboramos com a existência de sociabilidades particulares, em determinadas comunidades, onde as mulheres exerciam influências como matriarcas.

Apontamos também em acordo com Bedia (2014) que o patriarcado não é uma estrutura imutável nem fixa que se organiza da mesma forma em todas as sociedades. “Ao contrário, sua imensa capacidade de adaptação adquire dimensões quase funcionais em cada sociedade⁶” (p.11, tradução nossa). Para ela, portanto, não se pode analisar as estruturas sociais ou as instituições de cada sociedade sem levar em consideração que em todas elas os traços patriarcais têm um caráter estrutural.

É sob este entendimento que dialogamos com Firestone (1976) na discussão entre o matriarcado e o patriarcado. A autora apesar de apontar o matriarcado como um estágio a caminho do patriarcado, não o delinea de acordo com a elaboração teórica de Engels. Para ela, a chamada família biológica, como unidade básica de reprodução homem/mulher/criança sempre se caracteriza em qualquer forma de organização social sob determinados fatos imutáveis e fundamentais:

1. As mulheres através da História antes da descoberta do controle da natalidade, “estavam à mercê constante de sua biologia – contínuos partos dolorosos, amamentação e cuidado com as crianças, todos os quais fizeram-nas dependentes dos homens”. (p.18).
2. O ser humano exige um tempo maior para crescer do que os animais, sendo indefesos e por determinado período dependente dos adultos para sobrevivência física.
3. “A interdependência básica mãe/filho existiu de alguma forma em todas as sociedades”. (p. 18).

⁶ “Sin embargo, el patriarcado no es una estructura inmutable y fija que se incrusta de la misma forma en todas las sociedades. Al contrario, su inmensa capacidad de adaptación adquire dimensiones casi funcionales en cada sociedad” (BEDIA, 2014,p.11).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

4. “A diferença natural da reprodução entre os sexos levou diretamente à primeira divisão de trabalho baseada no sexo”.

Para Firestone (1976), mesmo nos matriarcados onde há um culto a fertilidade da mulher e o papel do pai é desconhecido ou sem importância existe ainda alguma dependência da mulher e da criança em relação ao homem por sua condição física temporal. Para ela,

O matriarcado é um estágio no caminho para o patriarcado, para a mais plena realização do homem; o homem deixa de cultuar a Natureza, através das mulheres, para conquistá-la. **Embora seja verdade que a sorte da mulher piorou consideravelmente sob o patriarcado, ela nunca foi boa;** pois, apesar de toda nostalgia, não é difícil provar que o matriarcado nunca foi uma resposta para a opressão fundamental das mulheres. Basicamente, ele não passou de um meio diferente de enumerar linhagem e herança, meio que, embora possa ter trazido mais vantagens para as mulheres do que o patriarcado posterior, não admitiu as mulheres na sociedade como iguais. Ser reverenciado não significa ter liberdade; pois o culto ainda se passa na cabeça de outro, e essa cabeça é do Homem. Contudo, voltando ao passado, embora não forneça modelos autênticos, ele tem algum valor para a compreensão da relatividade da opressão: embora esta tenha sido uma condição humana fundamental, ela apareceu sob graus diferentes, em formas diferentes. **Mas, através da História, em todos os estágios e tipo de cultura, as mulheres foram oprimidas devido suas funções biológicas.** A família patriarcal é apenas a mais recente de uma rede de organizações sociais “primárias”, todas as quais definiram a mulher como uma espécie diferente, devido a sua capacidade única de parir. (p.89).

Frente a esta situação histórica das mulheres, atrelada a sua condição biológica a autora apresenta quatro exigências mínimas para uma proposta alternativa a situação de exploração das mulheres: a) “A libertação das mulheres da tirania de sua biologia, através de todos os meios disponíveis, e a distribuição do papel de nutrição e educação das crianças entre a sociedade como um todo, tanto entre os homens, quanto entre as mulheres”. (p.271); b) “a independência econômica e a autodeterminação de todos. Visaríamos eliminar a dependência das mulheres e das crianças do trabalho dos homens, assim como todos os outros tipos de exploração do trabalho”. (p.272); c) “a total



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

integração das mulheres e das crianças na sociedade em geral”. (p.272); d) a liberdade sexual.

Desta forma, a superação do patriarcado se daria por meio da constituição de um socialismo feminista em uma relação de superação da sociedade patriarcal e capitalista. As lutas do movimento feminista, assim como a luta da classe trabalhadora comprometida com a emancipação humana, no sentido de libertação dos homens e mulheres deve, portanto, estarem postas neste patamar.

Conclusões

As questões elencadas ao longo do trabalho apontam para algumas sínteses, as quais consideramos importante no campo da elaboração teórica e das lutas feministas.

1. Ter o materialismo histórico dialético como norte de análise nos permite entender e avançar nas reflexões acerca das contradições e complexidades que envolvem homens e mulheres na sociedade. Tal análise inclui rever, quando necessário, em uma crítica com ética e responsabilidade, os limites temporais da escrita de sistematizações sobre a condição das mulheres na sociedade, no próprio campo marxista;
2. Apenas por meio da socialização do trabalho coletivo e da superação da divisão social, sexual e racial do trabalho é que podemos estabelecer uma luta por igualdade de responsabilidade entre os sujeitos, na superação dos processos de exploração e dominação.

Por fim, consideramos que afirmar a inexistência de uma sociedade matriarcal, no patamar de como se instituiu o patriarcado, não retira a análise de como a sociedade capitalista aprofundou o processo de exploração do trabalho das mulheres, e como a defesa da propriedade privada e da família monogâmica reforça tal exploração.

Referências

ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo**: o ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel, 1986.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.

BEDIA, Rosa Cobo. Aproximaciones a la teoría crítica feminista. **Cladem**: Boletín del Programa de Formación Nº 1 - Año 1 - Abril 2014.

CISNE, Mirla. Feminismo e marxismo: ortodoxia no método e teoria em movimento. In: MIGUEL, L.; BALLESTRIN, Luciana. Teoria e política feminista: contribuições ao debate sobre gênero no Brasil. Zouk: Porto Alegre, 2020.

D'EAUBONNE. Françoise. **As mulheres antes do patriarcado**. Trad. Manuel Campos e Alexandre de Freitas. Lisboa: Vega, s/a.

ENGELS, Friedrich. **Origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Trad. Leandro Konder. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Obras escolhidas. Vol.3. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1961.

_____. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Trad. Ruth M. Klaus. São Paulo: Centauro, 2002.

FIRESTONE, Sulamith. **A dialética do sexo**: Um Manifesto da Revolução Feminista. Trad. Vera Regina Rebello Terra. Rio de Janeiro: Editorial labor do Brasil, 1976.